

## “O POEMA EM PROSA”: SÉRGIO MILLIET ENTRE A EVOLUÇÃO E A DEFINIÇÃO DO GÊNERO<sup>1</sup>

## “EL POEMA EN PROSA”: SÉRGIO MILLIET ENTRE LA EVOLUCIÓN Y LA DEFINICIÓN DEL GÉNERO

João Victor Santos BEZERRA<sup>2</sup>

**RESUMO:** Sérgio Milliet (1898-1966) foi uma figura importante do movimento modernista brasileiro, destacando-se por sua atuação como crítico, tradutor e difusor da cultura nacional, tanto no Brasil quanto no exterior. Este artigo propõe uma leitura crítico-interpretativa da conferência “O poema em prosa”, publicada no livro *Três Conferências* (1955), com o objetivo de analisar os contornos do pensamento crítico de Milliet sobre o gênero que dá título à conferência. Para tanto, recorreremos aos estudos de Gonçalves (1992) e Pinheiro (2018; 2023), a fim de aprofundar a compreensão da configuração da crítica millietiana. Na conferência, Milliet reconhece a complexidade inerente à definição do gênero poema em prosa. Ao questionar a conceituação rígida apresentada pelo dicionário francês *Larousse*, o autor defende que se a concepção de poesia é capaz de evoluir, suas formas também o serão – tanto no poema em verso quanto no poema em prosa.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sérgio Milliet. Poesia em prosa. Três Conferências.

**RESUMEN:** Sérgio Milliet (1898-1966) fue una figura importante del movimiento modernista brasileño, destacándose por su actuación como crítico, traductor y difusor de la cultura nacional, tanto en Brasil como en el extranjero. Este artículo propone una lectura crítico-interpretativa de la conferencia “O poema em prosa”, publicada en el libro *Três Conferências* (1955), con el objetivo de analizar los contornos del pensamiento crítico de Milliet acerca del género que da título a la conferencia. Para ello, recurrimos a los estudios de Gonçalves (1992) y Pinheiro (2018; 2023), a fin de profundizar la comprensión de la configuración de la crítica millietiana. En la conferencia, Milliet reconoce la complejidad inherente a la definición del género poema en prosa. Al cuestionar la conceptualización rígida presentada por el diccionario francés *Larousse*, el autor sostiene que si la concepción de poesía es capaz de evolucionar, sus formas también lo serán – tanto en el poema en verso como en el poema en prosa.

**PALABRAS CLAVE:** Sérgio Milliet. Poesía en prosa. Três Conferências.

1. Este estudo é resultado do projeto de pesquisa intitulado “Sérgio Milliet para além do *Diário Crítico*”, realizado na condição de bolsista CNPq, no Programa de Iniciação Científica (PIBIC) da Universidade Federal de Sergipe (UFS), durante o período de 2023 a 2024, sob a orientação do Prof. Dr. Valter Cesar Pinheiro.

2. Graduando em Letras Português e Espanhol pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), Departamento de Letras Estrangeiras (DLES); São Cristóvão-SE, Brasil. Bolsista de Iniciação Científica – CNPq. E-mail: jvictorbezerra@academico.ufs.br. ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-6418-8231>.

## Introdução

Sérgio Milliet (1898-1966) é considerado um dos nomes mais expressivos do movimento modernista brasileiro, como afirmam em consonância Gonçalves (1992) e Pinheiro (2018), por sua dedicação à difusão da cultura brasileira tanto nacional quanto internacionalmente, colaborando como tradutor de obras brasileiras do movimento modernista para o francês e intermediando a divulgação dessas obras na Europa. Milliet, assim, é apontado merecidamente como sendo uma das figuras mais importantes de nossa primeira revista modernista, *Klaxon*, cujo primeiro número saiu pouco tempo após a realização da Semana de Arte Moderna de 1922.

Ainda que sua produção intelectual, tradutória, poética, ficcional e não ficcional seja vasta, esse material tem sido alvo de pouquíssimas investigações no campo científico. O que há de estudos realizados sobre a obra millietiana são investigações que se debruçam, em sua maioria, sobre o trabalho crítico do autor, o qual está condensado nos dez tomos de seu *Diário Crítico* – conjunto de ensaios publicados no jornal *O Estado de S. Paulo* (1940-1956) –, nos quais o autor discorria sobre temas diversos, como política, literatura, artes e filosofia.

Nesse sentido, o presente trabalho tem por objetivo primário propor uma leitura crítico-interpretativa do ensaio "O poema em prosa" (1955), de Sérgio Milliet, de modo a apresentar e instigar a curiosidade de novos leitores a conhecer o autor e sua produção e, assim, contribuir com a fortuna crítica de um dos nomes mais influentes do movimento modernista brasileiro, cujas obras se encontram para além de seu *Diário Crítico*. A finalidade subjacente é corroborar, de acordo com a concepção teórica de Milliet, com a discussão que há no campo dos Estudos Literários sobre esse gênero tão pouco explorado que é o poema em prosa.

Para tanto, nosso estudo será fragmentado em duas seções: iniciaremos apresentando o percurso da formação cultural e intelectual de Sérgio Milliet, observando o contexto social e histórico a que o poeta pertenceu para compreender os pilares da configuração da crítica millietiana; num segundo momento, pretendemos apresentar e examinar a exposição intitulada "O poema em prosa" (1955), acerca desse gênero poético que dá título ao ensaio, que, assinala-se, tem sido objeto de pouquíssimas investigações no campo acadêmico.

## O "homem-ponte" do modernismo brasileiro e o seu fazer crítico

O poeta, crítico de arte, ensaísta, ficcionista, jornalista, pintor, tradutor, professor, sociólogo, crítico literário, bibliotecário e homem de gabinete Sérgio Milliet da Costa e Silva (1898-1966) foi um dos nomes mais categoricamente críticos e ativos do movimento modernista brasileiro, como aponta Alfredo Bosi (2017). Para que possamos compreender a configuração desse fazer teórico de Sérgio Milliet, é indispensável caminharmos por seu percurso de formação cultural e intelectual e pelo contexto social e histórico ao qual o poeta pertenceu para observarmos como formatou-se sua configuração crítica.

Em 1912, aos 14 anos, Sérgio Milliet partiu para Genebra, na Suíça, para dar início à sua formação acadêmica. Foi naquele país, portanto, que principiou sua vida intelectual, crítica e literária. Gonçalves (1992) destaca que sua primeira estadia na Suíça durou oito anos (1912-1920)<sup>3</sup>, período que influenciou marcadamente o escritor em diversos aspectos, além de despertar seu interesse por distintas áreas do conhecimento, como podemos notar ao observar sua dedicação aos estudos da Sociologia – ciência que influenciará fortemente a personalidade intelectual do autor.

É durante sua primeira grande passagem pela Europa que Sérgio Milliet, segundo Pinheiro (2018), iniciou sua carreira enquanto poeta – de língua francesa –, através da publicação de seu livro de estreia intitulado *Par le sentier* (1917), seguido das publicações de *En singeant...: pastiches littéraires* (1918) e *Le départ sous la pluie* (1919). Posteriormente, em sua segunda temporada na Europa (1923-1925), Milliet publicou, também em língua francesa, seu quarto e último livro: *Oeil-de-boeuf* (1923).<sup>4</sup>

A respeito dessa experiência vivenciada pelo jovem poeta, é pertinente replicar o que Pinheiro nos afirma:

Sérgio Milliet guardará dessa experiência literária inaugural um repertório que será continuamente acionado em sua crítica e uma concepção de poesia que não faz concessões aos valores dito sociais (isto é, ao engajamento) se em sua realização não houver, por parte do criador, consciência estética (Pinheiro, 2023, p. 4, parêntesis do autor).

A Suíça, nesse período de permanência do crítico no país, era núcleo de grandes encontros e confrontos intelectuais e políticos, além de estar repleta de personalidades expressivas do mundo intelectual e científico. Nesse sentido, o jovem Milliet encontrava-se, então, exposto a um ambiente de grande agitação científica e artística:

A Suíça tem marcadamente acentuada, nestes anos de pré-guerra, guerra e imediato pós-guerra, a sua característica de núcleo de encontro e confronto de intelectuais, políticos e personalidades do meio científico e cultural. Genebra, especialmente onde se encontra Sérgio Milliet, pode ser descrita como um “cadinho”, onde a todo instante se formam novos amalgamas: laboratório político, econômico e intelectual (Gonçalves, 1992, p. 6, aspas da autora).

Considerando que, nesse momento, discussões ferrenhas acerca da verdade e da objetividade estavam em voga e que estamos acompanhando a jornada formativa da crítica de Milliet, é de nosso interesse trazer à baila os estudos realizados por Gonçalves (1992), pois a pesquisadora utiliza a História para visualizar as tendências nos campos da filosofia e do pensamento no contexto vivenciado por Sérgio Milliet.

---

3 É importante lembrar que o contexto histórico e político no ano de chegada de Milliet a Genebra, 1912, era o de um período conflituoso de pré-Primeira Guerra Mundial, que ocorreu entre 1914 e 1918. O crítico permaneceu na Suíça durante todo esse momento.

4. Foge ao escopo deste trabalho tratar de forma mais aprofundada da obra poética produzida em francês por Milliet. Para mais informações sobre essa produção, cf. os artigos de Pinheiro (2018, 2023 e 2024). Nesses textos, são apresentados e comentados poemas originais de Milliet, seguidos das traduções realizadas pelo autor.

Segundo a autora, nessa fase,

[...] começa a haver uma rejeição da preocupação excessiva com as minúcias do fato observado em detrimento da consideração do papel da intuição na elaboração do pensamento [...], e desconfia-se de uma crítica objetivante, de uma tentativa de compreensão científica do mundo (Gonçalves, 1992, p. 12).

A professora afirma que o próprio conceito de verdade e sua significação passaram a ser questionados nesse período, abrindo, dessa forma, mais espaço para a subjetividade, característica nitidamente incorporada à obra millietiana. Conforme destaca a autora: “[...] toda verdade é uma verdade de ensaio, destinada a ser posta à prova e confrontada com outras verdades. A verdade está sempre em movimento e em relação a algo, sendo necessário, por isso, ajustamentos constantes de um pensamento que se pretende ativo” (Miéville *apud* Gonçalves, 1992, p. 13).

Em diversos textos de seu *Diário Crítico*, Milliet deixa nítido ser um leitor afeito às ideias do humanista francês Montaigne (1533-1592) e, mirando a compreensão dessa leitura, a professora Lisbeth Gonçalves (1992) discute sobre a chamada “crítica de impressão”, que teve sua raiz no século XVI justamente com Montaigne. Essa crítica consiste em contestar “o culto da ciência, da razão, a poesia formal e plástica, o realismo” (Gonçalves, 1992, p. 14). Gonçalves (1992) afirma, ainda, que essa crítica buscava transcender a matéria artística, isto é, a obra, buscando considerar os costumes e a vida daquele que a produzira – característica marcante na crítica de Milliet.

Essa discussão proposta é interessante para que enxerguemos, com alguma clareza, o questionamento da objetividade do conhecimento que tanto reverbera na produção intelectual do escritor paulista. Se direcionarmos nosso pensamento à crítica de Sérgio Milliet, notaremos que essa aproximação do jovem Milliet com a crítica francesa durante seu processo de formação é um fator decisivo para a compreensão de seu perfil crítico.

Enveredando pela crítica produzida por Sérgio Milliet, vale destacar que as notáveis considerações do trabalho crítico do autor encontram-se reunidas ao longo de dez tomos de seu *Diário Crítico* (1940-1956), onde o autor versa sobre literatura, artes, política e filosofia. Diante da relevância de seu *Diário Crítico* para a crítica literária e artística brasileira, trataremos, agora, acerca da predileção do escritor por esse formato pouco convencional à época para vulgarização de sua produção crítica.

Gonçalves (1992) destaca que por conta da postura cética e subjetiva do autor – influenciada por sua formação intelectual baseada em autores franceses –, um diário de crítica permitiria que Milliet registrasse uma reflexão em processo.

[...] a escolha da forma de um diário de crítica para apresentar seu pensamento parece estar relacionada à consideração de que é, como crítico, portador de uma visão de mundo particular, de uma compreensão historicamente dada [...] quer sugerir ao leitor uma motivação para ler ou ver a obra, jamais, porém, estabelece um direcionamento único (Gonçalves, 1992, p. 130-131).

Em sua crítica, Milliet não objetivava julgar determinada obra, seu fazer crítico visava, sobretudo, conduzir seu público leitor à sua expressão, buscando instituir uma conversação entre as partes (Gonçalves, 1992). Nessa direção, a pesquisadora destaca que “[...] o discurso em forma de diário assume feição ideal para Sérgio Milliet, pois assegura a relatividade dos argumentos sobre os fatos” (Gonçalves, 1992, p. 141).

Discorrendo acerca da orientação do projeto crítico de Milliet, Gonçalves observa que há no trabalho crítico do autor “uma orientação pedagógica voltada para o fato artístico, para a formação dos artistas e a formação público” (Gonçalves, 1992, p. 109). Segundo a autora, Milliet preocupava-se em provocar uma ruptura definitiva nas barreiras do gosto estabelecido.

Milliet preocupa-se sempre em medir os prós e os contras do fenômeno em avaliação e, embora se posicione, manifesta o desejo de deixar aberta para o outro a possibilidade de divergir [...] procura explicar didaticamente as razões desta orientação, estabelecendo como um eixo importante para pensar a expressão arte/vida [...] portanto, a obra como reveladora de “sentimentos humanos”, de maneiras de pensar, sentir e agir do homem presente (Gonçalves, 1992, p. 127, aspas da autora).

Quanto às preocupações que envolvem o trabalho intelectual de Milliet, Gonçalves destaca que há elementos recorrentes ao longo dos textos contidos no *Diário Crítico*, classificando-os como fundamentais para guiar a reflexão crítica do autor, dentre os quais cita a modelagem da crítica de acordo com o assunto abordado, a importância das ciências sociais para sua produção intelectual e a necessidade da busca do intelectual por uma ética.

Compactuando com a tese de Gonçalves, podemos entender que a dúvida para Sérgio Milliet é praticamente um método de trabalho, aparecendo como um dado preliminar diante do fato a ser analisado. Há, na crítica de Milliet, uma postura questionadora que busca compreender a realidade artística por meio da interrogação. A professora atesta que Milliet assume uma posição de “jogador inteligente”, que adota perspectivas diversas sobre determinados fatos e realiza o resgate dessas noções a depender do interesse ou necessidade diante do objeto de análise. Mas ressalta que o poeta “[...] jamais se apegava a um pensamento estruturado unidirecionalmente” (Gonçalves, 1992, p. 134). Nesse sentido, identifica-se em Milliet a busca pela compreensão dos significados, pois o crítico preocupava-se “[...] em mostrar as circunstâncias em que um determinado fato emerge e o processo pelo qual se desenvolve” (Gonçalves, 1992, p. 134-135).

Sérgio Milliet versa, em textos contidos ao longo do seu *Diário Crítico*, acerca tanto da função da crítica quanto do papel do crítico. Seguindo o pensamento millietiano no que tange a crítica literária, Gonçalves (1992) afirma que não há mais espaço para a crítica de caráter professoral, carregada por seu teor rígido e incompreensivo, e que visa a realizar puramente a análise técnica de determinada obra. Sugere, assim, que ao exercer seu trabalho, o crítico tem de levar em consideração não exclusivamente o valor estético de uma obra literária, mas que também a necessidade de associar tais valores e obras às correntes do pensamento contemporâneo.

Outra função particular da crítica millietiana é apresentar um problema ao seu leitor e, ao fazê-lo, abordar determinada questão fornecendo informações que o auxiliem a encontrar respostas de forma espontânea, individual e crítica. Como nos demonstra Gonçalves, Milliet acreditava que

[...] para que a crítica preencha a sua função é preciso que saiba colocar-se do lado do autor, na apreciação da obra e não do lado do público. A primeira regra da crítica eficiente e justa é saber o que quis fazer o autor. É estar a par das doutrinas deste [...] a consciência da pesquisa é que dá importância à opinião do crítico (Gonçalves, 1992, p. 137).

Com base nas discussões apresentadas ao longo desta seção, consideramos a produção crítica de Sérgio Milliet como instrumento para compreender a importância do ato de questionar. A postura cética presente na crítica millietiana nos incentiva ao ato da dúvida, elemento imprescindível para o fazer científico.

Por conta de seu caráter didático atrelado à sua formação sociológica, o pensamento, a forma e o fazer crítico do autor romperam com noções pré-estabelecidas no campo da crítica brasileira do século XX. Em seus ensaios, Milliet priorizava estabelecer um diálogo com seus interlocutores, pois, para ele, se há ciências que podem separar as pessoas, a arte, em contrapartida, as une.

### **"O poema em prosa", uma conferência de Sérgio Milliet<sup>5</sup>**

A conferência "O poema em prosa" (1955) integra o volume intitulado *Três Conferências* (1955), de autoria do crítico de arte Sérgio Milliet. Nessa conferência, publicada em forma de ensaio, o modernista tece reflexões a respeito desse gênero literário pouco estudado e de difícil compreensão que é o poema em prosa.

O crítico parte da premissa de que as técnicas poéticas são passíveis de controvérsia, e afirma que formas e gêneros também estão sujeitos a alterações. Ele declara que as definições do que seria o poema em prosa são insuficientes e não explicam de forma consistente o que seria esse tipo de literatura. Para discutir essa problemática ao longo de seu texto, Milliet se mune de concepções distintas sobre o gênero exposto e as debate com base em textos literários que são considerados como os clássicos do gênero, refletindo sobre a dificuldade de se definir esse gênero.

Consultando o *Larousse*, o autor nos traz uma definição do gênero que demonstra ser comum a confusão entre poema em prosa e prosa poética, bem como com o poema escrito em versículos ou até mesmo com o verso livre moderno. A definição do *Larousse* apresentada por Milliet entende esses outros formatos de texto mencionados como sendo "formas intermediárias", pois há

---

5. É importante destacar que nosso *corpus* é um ensaio publicado a partir de uma apresentação realizada pelo autor em uma conferência. Isso resulta, inevitavelmente, em um texto de caráter mais célere, o que não implica superficialidade no debate acerca do tema proposto. Não há indicação da data em que Milliet realizou tal exposição.

características que as separam. Segundo expõe Milliet, “[...] uma prosa pitoresca e poética pode constituir a prosa poética, mas o poema em prosa é algo mais definido, pressupõe uma moldura delimitada, uma composição concisa [...]” (*Larousse apud* Milliet, 1955, p. 15). Não satisfeito com a definição apresentada no excerto anterior, Milliet aponta que a definição é obsoleta, destacando que as formas poéticas evoluíram em consonância com o próprio conceito de poesia.

Para nos apresentar uma definição que se aproxime mais do que acredita ser o poema em prosa, Milliet evoca o poeta francês Robert de Souza (1864-1946), que considera que existe poesia enquanto o abstrato não substitui o concreto, enquanto o objeto não se sobrepõe ao conceito e, sendo assim, Milliet compreende que a poesia é a palavra abastecida de “sentido transcendente e ritmo adequado à emoção” (Milliet, 1955, p. 16).

A definição exposta pelo *Larousse* apresentada por Milliet configura o poema em prosa como sendo um gênero mais estático, enquanto para o autor ele é, assim como a poesia, transcendente à concretude, sendo uma forma moldável de acordo com a emoção. Pensando nessa dualidade entre o entendimento de poesia apresentado por Souza e a definição da enciclopédia, Milliet traz à baila René Huyghe (1906-1997). O escritor afirma que Huyghe sustenta ideia semelhante à do *Larousse* ao se opor à arquitetura romântica e rica de conceitos da Idade Média, em contraste com o gótico, que emergiu diante da imposição pragmática da realidade e se desenvolveu de forma sugestiva e poética.

Se pensarmos na concepção de Huyghe e direcionarmos essas ideias às noções fundamentais que o *Larousse* expressa sobre o poema em prosa, logo veremos que ambas são semelhantes e insustentáveis, pois as duas emergiram a partir de uma força revolucionária que buscou romper com a concepção estética já estabelecida. Em seu ensaio, Milliet defende que, se a concepção de poesia é capaz de evoluir – o que podemos estender e aplicar para as artes de modo geral –, suas formas igualmente evoluirão, tanto no poema em verso quanto no poema em prosa. A definição “rígida” – como aponta o autor – apresentada pelo *Larousse* constitui, portanto, apenas uma curiosidade de ordem cronológica (Milliet, 1955, p. 16).

Na sequência, Milliet afirma que essa concepção engessada da enciclopédia se adequa às duas obras mais expressivas do gênero em prosa: *Gaspar de la Nuit* (1842) de Aloysius Bertrand (1807-1841) e *Spleen de Paris* (1869) de Charles Baudelaire (1821-1867). O crítico utiliza as obras mencionadas para realizar um levantamento em direção a possíveis autores que produziram – ou ao menos tentaram – e discutiram poema em prosa. O autor alega que com Parny (1753-1814) houve uma tentativa de se produzir poema em prosa, mas a obra não foi finalizada, pois o autor receou publicar algo que confrontasse as concepções estéticas da época. O mesmo ocorreu posteriormente com outros escritores do século XIX, como Pierre Louys (1870-1925), Chateaubriand (1768-1848) e Bernardin de Saint-Pierre (1737-1814).

Dando continuidade à busca por encontrar uma definição para o poema em prosa, Milliet menciona que foi no estudo proposto por Ferdinando Loise (1707-1788) que encontrou caminhos que explicassem o nascimento do gênero. O autor afirma que é em Buffon (1707-

1788) que podemos encontrar os primeiros vestígios de trechos da prosa assumindo a forma do poema. Nessa perspectiva, Milliet menciona ainda que, ao entregar-se ao devaneio poético, o filósofo genebrino Jean-Jacques Rousseau alcançou o tom do poema em prosa em diversas partes de sua produção. Em contrapartida, segundo apresenta Milliet, o filósofo francês Voltaire declarava – talvez por influência de Parny – que a produção do poema em prosa era uma prova de impotência.

Versado sobre a possível origem do poema em prosa, Milliet retorna à definição encontrada no *Larousse*, comparando-a com a antologia de poemas em prosa organizada por Maurice Chapelain. Segundo Chapelain, esse gênero poético teria sido realmente criado pelo francês Aloysius Bertrand com a publicação de *Gaspar de la Nuit*, seguindo o padrão estabelecido pela enciclopédia francesa que pressupõe uma moldura concisa. De acordo com Milliet, a definição do *Larousse* aplica-se tanto à obra de Baudelaire quanto à obra de Bertrand, devido a ambas possuírem estruturação sólida e uma forte densidade poética em seus versos.

Em “O poema em prosa” (1955), Milliet se nutre do prefácio da obra *Spleen de Paris* (1869) de Baudelaire para formular seu pensamento. Pensando nisso, parece-nos interessante evocar o poeta francês e reproduzir o que ele tem a nos dizer para iluminar nossa discussão:

Tenho uma pequena confissão a fazer. É que folheando pela vigésima vez ao menos o *Gaspar da Noite* de Aloysius Bertrand (um livro conhecido de você, de mim e de alguns de nossos amigos, não tem todos os direitos de ser chamado de famoso?) que me veio a ideia de tentar qualquer coisa análoga e aplicar à descrição da vida moderna, ou melhor, de uma vida moderna mais abstrata, o processo que ele aplicou à pintura da vida antiga, tão estranhamente pitoresca [...] Qual de nós que, em seus dias de ambição, não sonhou o milagre de uma prosa poética, musical, sem ritmo e sem rimas, tão macia e maleável para se adaptar aos movimentos líricos da alma, às ondulações do devaneio, aos sobressaltos da consciência (Baudelaire, s/d [1869], p. 3, parêntesis do autor).

A leitura do excerto apresentado é valiosa para entendermos com clareza como Baudelaire foi influenciado por *Gaspar de la Nuit* de Bertrand ao confeccionar *Spleen de Paris*. Ao tratar sobre a forma textual da produção de Bertrand, Baudelaire está se referindo ao verso medido. Podemos compreender, dessa forma, que o poema em prosa proscreve a utilização de formas poéticas estabelecidas da época, como é o caso dos versos alexandrinos ou dos decassílabos brancos. A partir dessa cisão, a estrutura do poema em prosa permitiu que os escritores dessem vazão aos padrões de versificação da época, ainda que ao fazê-lo estabelecessem um padrão de outra ordem.

Destarte, após Milliet evocar autores para discutir a definição da enciclopédia e utilizar os “clássicos” do poema em prosa para demonstrar como essa definição lhes veste adequadamente, ele adota uma posição oposta. Ao trazer obras que vão além desses expoentes do poema em prosa, o crítico chama a atenção para as produções de Rimbaud (1854-1891) e Lautréamont (1846-1870). Milliet argumenta, com base na literatura produzida por esses dois autores, que a

definição baudelairiana do poema em prosa é falha. Para ele, “aceitá-la [...] seria o mesmo que admitir a definição do soneto parnasiano como válida para toda a poesia” (Milliet, 1955, p. 21).

O crítico defende que a forma do poema em prosa encontrada em Rimbaud e em Lautréamont é muito mais fluida se comparada às produções de Baudelaire e Bertrand. Para Milliet, a obra de Bertrand é consoante com a definição clássica, pois se configura a partir da estrutura rígida dos versos e da sua linguagem hermética. Em contraste, a obra de Rimbaud toma caminho oposto à definição proposta pelo *Larousse*. Utilizando metáforas, adjetivação e força sugestiva, Rimbaud alcança “uma pureza quase infantil” (Milliet, 1955, p. 21), tornando sua obra acessível aos leitores e dispensando a necessidade de explicação sobre o conteúdo. Lautréamont, por outro lado, segue com uma abordagem diferente dos autores apresentados, seu poema é de cunho psicanalítico, possuindo fortes cargas de delírio e alucinação.

Por fim, Milliet compreende que o poema em prosa era, na época de Baudelaire, um instrumento poético que servia de veículo para novas possibilidades de expressão do homem moderno, mas que isso se modifica quando o verso deixa de seguir regras rigorosas e não mais se limita ao metro e à rima. O poema em prosa, então, “deixa de ter razões de ser” (Milliet, p. 22, 1955). Ainda que Milliet compreenda esse gênero como sendo apenas um sinônimo arbitrário de prosa poética, inclina-se a crer que, conforme o tempo siga seu fluxo natural e esse tipo de produção continue sendo apreciada, não tardará para que uma nova técnica e outra definição para o supracitado gênero literário sejam estabelecidas.

### Considerações finais

À guisa de conclusão, é cabível afirmar que, com base na progressão sistemática de conteúdo realizada ao longo deste trabalho, Sérgio Milliet em “O poema em prosa” (1955) tece reflexões críticas importantes sobre o gênero poema em prosa, discutindo obras desse gênero poético para compreender tanto a origem quanto a definição estática existente em seu tempo. Além disso, notamos – tanto na conferência como na produção crítica de Milliet – seu rico repertório literário e teórico necessário para essa discussão.

Diante do exposto, ao passo que o crítico se vale de diversos autores, em sua maioria de expressão francesa, para discorrer sobre a origem e o transcurso do gênero, ele não aceita nenhuma concepção definida e entende que o poema em prosa é uma ramificação poética obsoleta devido ao surgimento de novas possibilidades no fazer poético na modernidade. Milliet reconhece, porém, que a tentativa de criar o poema em prosa foi algo inovador – comparando, inclusive, essa atitude a um ato de loucura, quando o *Gaspar de la Nuit* de Bertrand foi publicado – ao romper ousadamente com as definições de versificação impostas aos poetas do século XIX. Por fim, ele afirma que certamente outros se dedicarão a tentar compreender o poema em prosa, tarefa que, já findando o primeiro quartel do século XXI, ainda não foi plenamente realizada.

## Referências

- BAUDELAIRE, Charles. *Pequenos Poemas em Prosa (Le Splen de Paris)*. s/d [1869]. *E-book*. Disponível em: <https://www.epedagogia.com.br/materialbibliotecaonline/3619Pequenos-Poemas-em-Prosa-Le-Spleen-De-Paris.pdf>. Acesso em: 5 mai. 2024.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2017, p. 401-405.
- GONÇALVES, Lisbeth Rebollo. *Sérgio Milliet, crítico de arte*. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- MILLIET, Sérgio. *Três conferências*. Rio de Janeiro: Departamento de imprensa nacional, 1955.
- PINHEIRO, Valter Cesar. A estreia literária de Sérgio Milliet: Par le sentier. *Remate de Males*: Departamento de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem/ UNICAMP. Campinas/SP, v. 38, nº 2, 2018, p. 990-1017. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8651936>. Acesso em: 27 dez. 2023.
- PINHEIRO, Valter Cesar. “Seis sonetos franceses de Sérgio Milliet (Par le sentier, 1917)”. *Cadernos de Tradução*: Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, hospedada no Portal de Periódicos/UFSC. Florianópolis, v. 43, nº 1, 2023, p. 1-20.
- PINHEIRO, Valter Cesar. No início era Serge: A poesia em língua francesa de Sérgio Milliet. *Estudos Avançados*: Instituto de Estudos Avançados/IEA-USP. São Paulo, v. 38, nº 110, 2024, p. 185-200.